



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Rayane Evelyn Rocha Vasconcelos

# **A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR PARA O MELHOR DESEMPENHO ESCOLAR DO ALUNO**

Brasília



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Rayane Evelyn Rocha Vasconcelos

## **A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR PARA O MELHOR DESEMPENHO ESCOLAR DO ALUNO**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como requisito à licenciatura de Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Brasília, Dezembro de 2014.

# **A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR PARA O MELHOR DESEMPENHO ESCOLAR DO ALUNO**

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora) Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Sônia Marise Salles Carvalho (Examinadora) Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Doutor Lúcio França Teles (Examinador) Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Silmara Carina Dornelas Munhoz (Suplente) Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

# **A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR PARA O MELHOR DESEMPENHO ESCOLAR DO ALUNO**

Monografia de conclusão de curso  
apresentada à Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília, como requisito  
parcial à obtenção do título de licenciada  
em Pedagogia sob a orientação da Prof<sup>a</sup>.  
Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

---

Prof<sup>a</sup>. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Universidade de Brasília

---

Prof<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles Carvalho (Examinadora)

Universidade de Brasília

---

Prof. Lúcio França Teles (Examinador)

Universidade de Brasília

Brasília, Dezembro de 2014.

Dedico primeiramente este trabalho à Deus, o autor e consumidor de todas as coisas. Dedico também, ao meu amado marido e toda minha família que sempre carinhosamente me apoiou em tudo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus, por ter me guiado, me dado forças e coragem para seguir os meus sonhos.

Ao meu marido e grande companheiro, que me apoiou em todos os momentos, cuidou de mim, e me ajudou a sonhar cada dia mais alto e perseguir meus sonhos com força e garra.

À minha amada avó, amiga leal que sempre esteve ao meu lado para me mostrar o quanto eu sou forte e que tudo posso, caso eu me esforce.

À minha família amada que nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado me ajudando em tudo.

Agradeço aos meus amigos e amigas, presentes em todos os momentos desse processo, ajudando e compreendendo minhas falhas.

Agradeço à professora Teresa Cristina, que me orientou brilhantemente e me ajudou a crescer como profissional.

Agradeço aos professores Sônia Marise e Lúcio Teles por aceitarem participar da Banca examinadora deste trabalho e pelas contribuições para a melhoria do mesmo.

E, por fim, agradeço a todos que participaram deste processo e contribuíram para a minha formação profissional.

“Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar”.

**Emilia Ferreiro**

# SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| Apresentação.....  | 9  |
| Resumo.....  | 10 |
| Memorial.....  | 12 |
| Introdução.....  | 19 |
| Capítulo I- A importância da afetividade no desenvolvimento da criança |    |
| 1.1 O que é afetividade.....   | 21 |
| 1.2 O desenvolvimento socioafetivo para Wallon.....                    | 24 |
| 1.3 O papel do meio na construção da pessoa.....                       | 28 |
| 1.4 A afetividade no processo de ensino e aprendizagem.....            | 32 |
| 1.5 Relação família e escola.....                                      | 38 |
| Capítulo II - Metodologia  |    |
| 2.1. Método .....  | 41 |
| 2.2. Participantes .....   | 42 |
| 2.3 Instrumentos da pesquisa.....                                      | 43 |
| 2.4 Procedimentos .....  | 44 |
| Capítulo III –   |    |
| Análise dos dados.....   | 45 |
| Capítulo IV -  |    |
| Considerações Finais .....   | 50 |
| Parte III  |    |
| Perspectivas futuras .....   | 52 |
| Referências .....  | 54 |
| Apêndices .....  | 57 |



## APRESENTAÇÃO

Este trabalho está estruturado em três partes. Na primeira parte consta o memorial em que narro um pouco da minha trajetória acadêmica, meus primeiros anos escolares, a escolha do meu curso e por fim como foi minha permanência na universidade.

Na sequência, apresento o trabalho de monografia, em que foi realizado estudo bibliográfico a cerca do que é afetividade, a interferência dela no processo de ensino aprendizagem do aluno e, como processo de investigação científica foi realizada uma pesquisa qualitativa com mães e alunos visando avaliar a importância da participação da família no processo de ensino aprendizagem a fim de se obter bons resultados escolares. Os dados e a análise da pesquisa são apresentados na parte final do trabalho, bem como as considerações finais dos temas abordados.

Na última parte do trabalho, apresento minhas perspectivas profissionais, em que relato a importância da universidade na minha formação integral e os cursos que pretendo realizar para continuar com minha formação acadêmica. Apresento ainda, meus desejos em relação à minha vida profissional.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a participação dos pais no desempenho escolar dos alunos. Para tentar compreender esta temática, buscou-se o referencial teórico baseado principalmente em Wallon. Para isso foi realizado uma pesquisa com sete mães e seus respectivos filhos, todos do 8º ano de Ensino Fundamental e que estudam em um colégio público do Distrito Federal. Para cada mãe foi enviado dois questionários para serem preenchidos em separado, um pela mãe e outro pelo aluno. Os resultados apontam que as mães tem boa vontade em ajudar os seus filhos quando são solicitados, porém poucos participam efetivamente da rotina escolar dos mesmos, participando somente em algumas reuniões bimestrais e quando são solicitados na escola. Conclui-se, portanto que a participação dos pais e familiares na vida escolar do seu filho contribui não apenas para o desempenho acadêmico, mas principalmente para estreitar os laços afetivos favorecendo todos os aspectos do desenvolvimento humano.

Palavras chave: afetividade, criança, desenvolvimento socioafetivo e participação familiar.

**PARTE 1**  
**MEMORIAL**

## MEMORIAL

Meu nome é Rayane Evelyn Araújo Rocha, tenho 25 anos e sou casada, me casei em Dezembro/ 2012 com o Igor Vasconcelos que além de um ótimo marido, é um grande mentor, amigo, companheiro e sócio.

Conheci o Igor no meu primeiro semestre na universidade quando tinha dezoito anos de idade. Através da convivência com ele decidi começar a trabalhar cedo e assim pude perceber qual seria o caminho pós-universidade que desejaria trilhar. Ele sempre foi o mais maduro de nós dois e certo de seu futuro. Esta certeza que ele tinha sobre quem ele era e o que ele faria, incentivou a me conhecer melhor e buscar qual era a minha vocação. Ele me ajudou a crescer em todas as áreas da minha vida, mas principalmente na profissional, sempre me motivando, financiando todos os meus sonhos e se hoje eu estou onde estou, isto é graças a Deus, minha avó materna e ele, meu grande companheiro!

Sou a filha primogênita tanto por parte de pai como de mãe e fui também a primeira neta em ambas as famílias. Minha mãe se casou com meu pai quando a mesma tinha apenas 16 anos de idade, porém o casamento durou menos de quatro anos, quando ambos se separaram e passaram anos sem ter contato um com o outro. A princípio após a separação eu morei com minha mãe na casa da minha avó, porém como minha avó materna estava também em um processo de separação e sem muitos recursos para sustentar uma criança, a mesma optou por deixar que eu morasse com a minha família por parte de pai. E assim, com três anos de idade fui morar na casa dos meus avós paternos.

Quando eu tinha mais ou menos sete anos nasceu o meu irmão por parte de mãe, o Lucas. Eu o via poucas vezes no ano, mas mesmo assim sempre fomos muito apegados um ao outro, tanto que hoje em dia ele estagia em minha empresa. A personalidade do Lucas é totalmente diferente da minha e por conta disso tínhamos várias brigas quando eu e ele moramos juntos, porém a admiração e amor que sentimos um pelo outro sempre fez com que o mal estar da discussão logo passasse.

Em uma diferença de sete em sete anos minha mãe teve mais duas filhas, a Larissa que hoje tem treze anos e a Nyna que hoje tem seis anos. Elas duas são como filhas para mim, até hoje, mesmo casada, faço questão de levá-las para passar o final de semana em minha casa pelo menos uma vez por mês, coordenar os estudos da Larissa ajudando-a a fazer trabalhos, estudando para as provas junto com ela. Meu senso de responsabilidade com relação aos meus irmãos maternos é muito grande, pois mesmo não morando na mesma casa que muitos deles (somente morei com o Lucas), eu me sinto um pouco mãe de cada um, e por conta disso acabo sendo a irmã que cuida, educa, briga, brinca com os irmãos.

Já com relação ao meu pai, ele demorou muito tempo após a separação para reconstituir sua vida de novo, e somente quando eu tinha perto dos dezesseis anos que o mesmo se casou de novo e teve mais um filho, o Matheus que hoje tem oito anos. No caso do Matheus nós não somos tão próximos quanto eu sou dos outros irmãos, pois quando o mesmo nasceu eu já havia voltado a morar na casa da minha avó materna e por conta disso ia poucas vezes na casa do meu pai. Porém meu amor por ele nada é menor do que o que sinto pelos outros!

Como uma boa irmã mais velha acabei trazendo para mim muito da responsabilidade em cuidar dos irmãos mais novos, bem como ajudá-los na escola e creio que isto tenha refletido de forma significativa na minha escolha quanto ao meu curso superior, afinal eu ajudei meu pai a alfabetizar meu irmão Matheus, ganhava um extra para ajudar meu irmão Lucas com todos os deveres de casa e na semana de provas acompanhava o estudo diário dele ajudando a sanar suas dúvidas. Além de que, dos doze aos dezoito anos ministrei aulas na escola dominical na igreja para as crianças menores.

Com relação a minha caminhada a nível escolar, esta foi cheia de altos e baixos, porém incondicionalmente sempre contei com a ajuda da minha avó Rita, que além de avó, também desempenhava o papel de pai e mãe para mim.

- Vida antes da Universidade de Brasília

Meus pais se separaram quando eu tinha apenas um ano e por isso eu nunca tive a oportunidade de saber como era morar com os dois. Após a separação morei com

minha mãe e minha família materna até os três anos de idade, porém após a separação dos meus avós maternos e pela dificuldade financeira a qual a minha família se encontrava, minha avó materna Rita resolveu permitir que eu fosse morar com o meu pai, porém ela não imaginava que eu em vez de morar com ele, moraria na casa de diversos parentes.

Dos meus três aos onze anos morei em diversas casas e com diversas famílias, porém em nenhuma destas casas me sentia parte da família. Por conta disso eu era uma criança muito introspectiva, tirava notas medianas na escola (mesmo tendo um acompanhamento semanal de reforço escolar), e também por muitos, era tida como uma criança indisciplinada e rebelde. Estes onze anos que passei de casa em casa foram bastante difíceis para mim e os meus poucos momentos de divertimento eram aos finais de semana quando eu ia para a chácara da nossa família junto com meu pai e avós paternos e de vez em quando alguns primos também iam para lá. Na chácara pude aprender a nadar no rio, andar de walkmachine, fazer trilhas, brincar de casa da árvore, enfim, neste lugar que não possuía quase nenhum luxo pude ser criança e ter a liberdade que não encontrava de segunda a sexta em Sobradinho.

Meu pai por conta do serviço de taxista não era muito presente durante a semana, mas nos finais de semana, impreterivelmente ele me levava para a chácara e lá me dava toda a atenção da qual eu precisava. Como meu pai não tinha um grau de escolaridade elevado ele não conseguia me acompanhar nos estudos e me ajudar com minhas dúvidas, porém em tudo que eu precisava ele fazia questão de correr atrás e vê alguém que pudesse me ajudar a me desempenhar melhor na escola. Durante a infância eu nunca o vi lendo um livro ou algo do gênero, porém ele sempre conversou comigo que gostaria que eu não seguisse o exemplo dele e aproveitasse a oportunidade que ele estava me dando e me esforçasse.

Minha vida escolar nestes onze anos foi bastante conturbada, pois não gostava de estudar e além disso a agenda de atividades extras que eu fazia era bastante extensa, por conta disso, acabava por não estudar no tempo que deveria e como consequência, quase sempre tirava notas tidas como medianas.

No meu aniversário de doze anos quando ninguém mais da família do meu pai queria me criar ele se viu forçado a me levar de volta para a casa da minha avó Rita (minha avó materna). Ela havia estado estes quase nove anos se sentindo culpada, pois ao deixar que eu fosse morar com o meu pai ela pensou que ele iria cuidar de mim, porém não foi isso que aconteceu de segunda a sexta-feira. Ir morar na casa da minha avó marcou a minha vida, pois lá encontrei não só uma casa, mas sim um lar!

Ao chegar na casa da minha avó Rita eu encontrei muita dificuldade, porém dificuldades positivas, pois naquele local existia alguém que acreditava e investia em meu futuro. Graças a minha avó tive o apoio e acompanhamento necessário para concluir com êxito meus estudos, me formar no curso de inglês, estudar em um cursinho e passar na Universidade de Brasília.

O amor e a disciplina a qual ela me fez passar, mudaram os meus hábitos e me ajudou muito nos meus estudos, pois sempre que tinha uma dificuldade sabia que podia contar com o apoio dela, apoio este que não era exposto em me explicar a matéria em si, ou em pagar um professor particular (tendo em vista que meu pai já havia me tirado do reforço escolar e do colégio particular), mas sim, me motivando para que eu percebesse o quão capaz eu era e como era importante minha dedicação constante. Como consequência disso, minhas notas que antes dos doze anos sempre eram baixas ou na média, a partir dos doze anos eram sempre acima dos oito pontos.

Durante todo o meu primeiro e segundo ano no ensino médio, organizei junto com meus amigos plantões de estudos na biblioteca onde quem tinha mais facilidade com uma matéria ajudava o que não tinha tanto, e no terceiro ano convenci boa parte de meus amigos a fazerem comigo cursinho pré-pas no ALUB. Além de que eu ministrava aulas extras de reforço também para os filhos dos amigos da minha avó para que eu pudesse ter um “dinheirinho” além da minha mesada.

No terceiro ano mudei o curso ao qual queria cursar na UnB, de Administração resolvi estudar Pedagogia. A princípio ninguém me apoiou muito, pois eles acreditavam que eu estava com medo de não passar em um curso e escolhi outro com pontuação inferior para ficar em minha zona de conforto. Na época eu não entendia muito bem o porquê eu deveria mudar de curso, mas eu sabia que as únicas coisas que eu sabia fazer

de melhor era falar e ensinar, por conta disso comprei a briga com a família (onde pouco tempo depois eles aceitaram minha decisão) e entrei para o curso de Pedagogia através do PAS (Programa de Avaliação Seriada).

- Vida na Universidade de Brasília

Aos 18 anos passei na Universidade de Brasília pelo PAS (Programa de Avaliação Seriada) esta foi uma grande vitória, pois sabia que ninguém da minha família tinha condições de pagar uma boa faculdade e como consequência disso, caso eu não passasse na UnB, provavelmente eu iria continuar a estudar em um cursinho ou iria estudar em uma faculdade com o valor mais acessível. Como sempre a ajuda da minha avó foi crucial nesta fase, pois quase ninguém acreditava que eu poderia passar na UnB, porém ela sempre acreditou e me mostrou que tudo era possível, bastava eu me dedicar e ter fé.

Meu primeiro dia na universidade foi aterrorizante, pois não conhecia ninguém e todos eram bem diferentes de mim, por conta disso tive muita saudade da minha vida no ensino médio.

No meu segundo semestre na UnB já comecei a trabalhar como auxiliar de sala no colégio Cenecista de Brasília . Meu papel era ajudar a professora com as atividades em sala, dar banho, lanche e almoço para doze crianças, bem como ajudar a cuidar de outras crianças no plantão escolar. Fiquei neste local trabalhando por quatro meses, após isso, fui contratada pelo Colégio Canarinho para assumir uma turma de crianças de três a cinco anos que estudavam no período integral na escola. Meu papel com este grupo era seguir o conteúdo programático que os mesmos estavam estudando em sala de aula no período contrário ao meu, sendo que as minhas aulas eram ministradas praticamente todas em inglês. Este período em que eu estive trabalhando no Colégio Canarinho foi ótimo para a minha formação, pois tudo que eu estudava em sala de aula eu podia ver como era na prática.

Trabalhei no Colégio Canarinho por três anos e meio e depois disso sai para poder montar um curso de inglês com o foco comunitário em Sobradinho. Este curso era no quintal da casa da minha avó e nós cobrávamos um valor simbólico de mensalidade, pois nosso foco inicial era ajudar crianças, jovens e adultos que queriam estudar uma nova língua e não tinham condições financeiras. Este curso ficou ativo por dois anos e meio e durante todo esse período eu ministrei aulas de inglês.



Um pouco antes do fim do curso de inglês eu e meu marido resolvemos montar a nossa própria escola de Acompanhamento e Reforço Escolar em Domicílio. Nossa escola tem como intuito ajudar crianças a alcançarem o seu melhor desempenho escolar, porém o nosso foco não é só o quantitativo (notas), mas sim também, ajudar nossos alunos a melhorarem em seus relacionamentos com os pais, professores e colegas. Tanto eu quanto meu marido, acreditamos que a aprendizagem ocorre através das trocas e para isso a criança precisa se sentir conectada às pessoas e pertencente ao meio.

Meu foco durante todo o meu curso sempre foi na minha formação completa, não só focando na teoria, mas também na minha prática, por conta disso por diversas vezes não consegui cursar as matérias que eu queria, só conseguia estudar pela noite e até mesmo, precisei em um semestre não estudar por conta do casamento e o ritmo de trabalho intenso. Por conta dessas escolhas (da qual não me arrependo de nenhuma) não tive grandes laços dentro da UnB, pois ficava refém do meu horário livre e não podia acompanhar meus colegas de início de curso nas matérias e horários em que eles cursavam matérias.

Por fim, creio que o fato de eu ter trabalhado desde o meu primeiro semestre tenha me ajudado bastante, pois pude interagir com o que estava sendo ministrado em sala de aula na UnB, trazendo sempre as ideias que vinha tendo durante as aulas do campo teórico para o prático. Esta experiência desde cedo me fez perceber como era o mercado de trabalho, os profissionais da área e me ajudou também, a perceber em que área eu desejo trabalhar, bem como qual profissional eu desejo me tornar.

Diante da minha trajetória de vida, escolhi investigar no meu trabalho de final de curso sobre o tema afetividade e como a mesma influencia no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

**PARTE 2**  
**DESENVOLVIMENTO DO TEMA**

## INTRODUÇÃO

A afetividade pode ser entendida como aquilo que move alguém, um sentimento de alegria e empatia por algo, sendo assim, ela está ligada a todas as áreas das nossas vidas e não seria diferente se não estivesse ligada ao processo de ensino e aprendizagem. Para Wallon, a pessoa não aprende somente por causa de sua capacidade intelectual, mas também por conta do meio em que se está inserido e dos estímulos que lhe é enviado, inibindo ou potencializando assim, determinadas capacidades. Fernández (1991, p.47), diz que toda a aprendizagem é repleta de afetividade, já que ocorre a partir de interações sociais.

Este trabalho tem por intuito principal analisar a participação dos pais no desempenho escolar dos alunos. Preocupou-se também em perceber a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, o foco principal é a importância do estímulo familiar para o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes.

Hoje em dia é normal observar famílias que por diversos fatores, acabam por terceirizar para a escola a necessidade de educar e participar da vida de seus filhos. A escola é uma das formas sociais de educação, porém a influência da família não tem como ser substituída pela mesma. A escola e a família devem ser parceiras ajudando no sucesso escolar e social das crianças. Um dos resultados desta terceirização de papéis são crianças carentes, com uma baixa autoestima e em algumas vezes com dificuldades de aprendizagem. Ao tratar de uma dificuldade escolar, não podemos focar somente na criança em si, mas para ajudá-la precisamos observar o contexto em que a mesma está inserida.

Para Piaget (apud CUNHA, 2000) o desenvolvimento cognitivo resulta da interação entre criança e as pessoas com quem ela mantém contatos regulares. Sendo assim, tanto a escola quanto a família são suporte para a criança nos desafios que a mesma vivencia em sua vida social. Muitos alunos não têm graves problemas de aprendizagem com relação aos conteúdos, mas sim, possuem uma baixa autoestima

resultando em uma errada percepção de si mesmos e de suas capacidades, percepção esta que é formada através do seu relacionamento familiar.

A família é o primeiro local em que a criança está inserida e é através dela que a mesma começa a perceber o mundo e a si mesma. Através da interação família VS criança a mesma observa quem ela é e o que a mesma pode ou não fazer, porém quando esta relação não é eficiente o que pode vir acontecer é a criança crescer com paradigmas e concepções erradas de sua capacidade e de quem a mesma é, e ao chegar na escola e se deparar com vários desafios, a autoestima dela pode vir a ficar cada dia mais baixa e ocorrer conseqüentemente uma falta de empatia com os conteúdos, escola e professores. Trabalhar primeiramente no ambiente familiar para em paralelo ajudar a criança na escola é uma das formas mais eficientes de ajudar o aluno.

Desta forma, acreditamos que este trabalho servirá de suporte tanto para educadores quanto para familiares, mostrando que a afetividade pode contribuir significativamente tanto para o processo de ensino e aprendizado quanto para o desenvolvimento pessoal de cada criança.

Pelo exposto anteriormente, e de acordo com as minhas inquietações elaboramos os seguintes questionamentos: - como a participação dos pais influencia no desempenho escolar de seus filhos? – quais atividades geram satisfação quando realizadas entre pais e filhos? – quais as dificuldades de aprendizagem encontradas pelos alunos?

Para tentar elucidar estas questões foram propostos os seguintes objetivos:

**I – OBJETIVO GERAL:** Analisar a participação dos pais no desempenho escolar dos alunos.

**II- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

1. Verificar quais as atividades entre pais e filhos geram satisfação.
2. Identificar como a presença dos pais no processo de ensino e aprendizagem interfere no desempenho escolar de seus filhos.
3. Identificar o que gera dificuldade de aprendizagem para os alunos.

# **CAPÍTULO I – A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.**

## **1.1. O QUE É AFETIVIDADE?**

Ao definir o termo afetividade quase sempre nos deparamos com adjetivos como: amor, carinho, ternura e simpatia, porém afetividade é bem mais do que isso. Afetividade para a psicologia é a capacidade do indivíduo de experimentar diversos fenômenos afetivos como, paixões, emoções, sentimentos, motivação, estado de humor, personalidade e atenção. A afetividade é aquilo que move o ser humano não somente emocionalmente, mas também cognitivamente. Através dela, descobrimos o mundo e criamos laços com ele, produzindo assim, nosso próprio espaço de criação e produção.

De acordo com Bercht (2001)

A afetividade pode ser entendida como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

Segundo Piaget, a afetividade tem grande influência no comportamento e no aprendizado. Ela consegue determinar a forma com que as pessoas visualizam o mundo e se manifesta dentro dele.

A afetividade ajuda o ser humano a revelar seus sentimentos e se conectar a outras pessoas, objetos e assuntos. Através da empatia que alguém sente por determinado objeto de conhecimento, este mesmo consegue de forma mais natural e prazerosa se dedicar a conhecer mais este objeto. O afeto por algo pode nos ajudar a transformar atividades que podem nos parecer enfadas e cansativas em situações de prazer e criatividade.

Segundo La Taille (1992),

Criador da Epistemologia Genética, Piaget (1896-1980) reconheceu que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva. Para Piaget, a afetividade

e a razão construíram termos complementares: “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilita ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações”.

A afetividade ajuda no modo como a pessoa vê o mundo ao seu redor e se relaciona com o mesmo, graças à mesma, nós criamos laços com pessoas, momentos e objetos. A afetividade tanto determina a forma como você vê o mundo como você se percebe no mesmo. Crianças que possuíam pouco afeto quando pequenas, acabam por desenvolver uma autoestima baixa, insegurança e por algumas vezes falta de determinação. O papel dos pais, professores na infância é muito importante, pois através dos mesmos que as crianças buscam se sentir amadas, cuidadas, motivadas, importantes. Quando a ligação entre uma dessas partes se torna falha, logo a criança começa a desenvolver uma insegurança que não será manifesta somente através do relacionamento com a parte envolvida, mas também em toda a forma como a criança se percebe em seu mundo.

Dar afeto a seu filho, aluno, ajuda com que o mesmo sinta a segurança de que ele é capaz de passar por todos os desafios das fases de sua vida sem que crie bloqueios ou traumas. Reforçar que seu afeto pelo mesmo independe de seus resultados nos desafios, traz a segurança que a criança precisa para se aventurar em todas as suas fases tendo a certeza que sempre terá sua casa e escola para contar. As relações de laços não são somente criadas através de sentimentos, mas também de atitudes. Crianças possuem habilidade maior de observar além do que as pessoas dizem, por isso deve-se haver um esforço de gerar atitudes que propiciem um bom relacionamento.

Nós adultos conseguimos compartimentalizar nossa vida, porém a criança ainda não possui bem desenvolvida esta área, por isso, problemas em casa afetarão diretamente a escola como vice e versa.

Segundo Wallon, a inteligência não é o elemento mais importante do desenvolvimento humano, mas esse desenvolvimento depende de três vertentes: a motora, a afetiva e a cognitiva. Assim, a dimensão biológica e social eram indissociáveis, porque se complementam mutuamente. A evolução de um indivíduo não depende somente da capacidade intelectual garantida pelo caráter biológico, mas também pelo meio ambiente que também vai condicionar a

evolução, permitindo ou impedindo que determinadas potencialidades sejam desenvolvidas. (DOURADO; PRANDINI, s/d, p. 25)

A afetividade é uma sensação de extrema importância para a saúde do ser humano, tanto física quanto mental, a mesma influencia no desenvolvimento comportamental e cognitivo, bem como a falta dela pode acarretar no desenvolvimento de fobias, ansiedade, depressão e síndromes. Geralmente, pessoas com recordações ruins de sua infância e mau relacionamento com familiares e professores acabam por se tornarem apáticas, excluindo ao máximo a afetividade de sua vida, se tornando assim, frias e manifestando poucas emoções.

Perceber a criança e adolescente como sendo um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente e que a empatia faz com que o mesmo se conecte de forma mais afetiva a determinado objeto, pessoa, ou lugar, nos faz repensar em como esta sendo desempenhada a educação formal nas escolas, bem como, qual é a participação das famílias e comunidade na mesma. Reconhecer a afetividade como parte de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem implica em um olhar mais humano e atento sobre as praticas pedagógicas, não restringindo assim, o este processo apenas a dimensão cognitiva.

## 1.2. O DESENVOLVIMENTO SOCIOAFETIVO PARA WALLON

O desenvolvimento do ser humano após o parto se inicia nos primeiros instantes de vida do recém-nascido. A relação do recém-nascido com o mundo esta baseada em reflexos e movimentos impulsivos (as descargas motoras) sem que o mesmo tenha plena consciência do que esta fazendo. O que ocasiona estes atos são os sentimentos de bem-estar e conforto. Estes gestos acabam criando uma comunicação própria do bebê com o mundo, onde o mesmo consegue demonstrar suas necessidades e vontades. Esta mímica corporal acaba por além de saciar as vontades do bebê produzir também um efeito mobilizador na mãe e nas pessoas envolvidas com o mesmo. Sendo assim, podemos afirmar que a dimensão motora dá subsídio para o desenvolvimento da dimensão afetiva, já que, ao se comunicar com o mundo através de gestos e reflexos o recém nascido acaba por mobilizar o outro através da emoção. “A vida psíquica é resultante do encontro da vida orgânica com o meio social” (DOURADO e PRANDINI, s/d, p.28).

Sendo assim, no estágio Impulsivo- Emocional que ocorre no primeiro ano de vida, a afetividade orienta as primeiras relações do bebê com as pessoas que o rondam em seu mundo físico. Por isso esta é uma fase de grande importância na formação da personalidade infantil. Estudos comprovam que bebês que tiveram grandes estímulos afetivos e físicos dos pais acabam por se desenvolver melhor socialmente.

Já no estágio Sensório-Motor, que vai até mais ou menos os três anos de idade, inicialmente a criança se comunica bastante através dos reflexos, porém a medida que o sistema neurológico vai se maturando, os reflexos começam a ser inibidos e a criança começa a se comunicar utilizando os gestos a fim de reforçar o efeito de interesse da mesma. Nesta fase a criança começa a coordenar os campos sensório e motor. O movimento espontâneo acaba por aos poucos se transformar em gesto, que ligado a intenção se transforma em ação. “O ato mental "projeta-se" em atos motores” (GAIGHER, 2008).

“O desenvolvimento das funções psicológicas superiores se dá, portanto, a partir do desenvolvimento das dimensões motora e afetiva. É a comunicação emocional que dá acesso ao mundo adulto, ao universo das representações coletivas. A inteligência surge depois da afetividade, e a partir das condições de



desenvolvimento motor, se altera e conflita com ela” (DOURADO e PRANDINI, s/d,p.24)

A cognição é resultado da interação da pessoa com seu meio que é predominantemente social. Sendo assim, o desenvolvimento está tanto ligado à maturação orgânica quanto pelo meio ao qual o indivíduo está inserido. Segundo Wallon (1979, p.131):

“O que permite à inteligência essa transferência do plano motor para o plano especulativo não é evidentemente explicável no desenvolvimento do indivíduo (...) mas nele pode ser integrada [a transferência] (...) são aptidões da espécie que estão em jogo, em especial as que fazem do homem um ser essencialmente social”.

O movimento como um reflexo que deu início a evolução inicial, com o passar do tempo é substituído por funções mentais específicas. Como diz Dantas (1992), para Wallon, o ato mental se desenvolve a partir do ato motor.

O desenvolvimento não ocorre de forma contínua nem linear, sendo assim ocorre uma acumulação qualitativa de conhecimentos nas dimensões afetiva, motora e cognitiva, que integrados aos conhecimentos da fase anterior vivida gera a mudança de estágio.

Para Wallon existem três leis que regulam o processo de desenvolvimento da criança para o mundo adulto, e são elas: a lei da alternância funcional, a da preponderância funcional e da integração funcional.

A lei da alternância funcional corresponde a duas direções oposta do desenvolvimento que juntas se unem e desenvolvem o ciclo de vida funcional. Uma é a centrípeta que é voltada para a construção do eu e a outra a centrífuga que é voltada para a observação do mundo externo, do universo que rodeia este ser.

Já a lei da sucessão da preponderância funcional consiste quando as dimensões motora, afetiva e cognitiva preponderam alternadamente propiciando o desenvolvimento da pessoa. Segundo Dourado e Prandini (s/d), a dimensão motora acaba por ser muito utilizada nos anos iniciais da vida da criança e é através dela que a mesma se percebe, e percebe também, o mundo ao seu redor, porém ao crescer as

dimensões afetivas e cognitivas acabam por se alternar mais ao longo do desenvolvimento ajudando assim na formação do eu predominância afetiva, ora o conhecimento do mundo exterior (predominância cognitiva).

Por fim a última lei a da diferenciação e integração funcional consiste na integração do motor, afetivo e cognitivo suprimindo e sobrepondo as conquistas dos estágios anteriores.

Segundo Mahoney (2000, p.14): “Desenvolver-se é ser capaz de responder com reações cada vez mais específicas a situações cada vez mais variadas”.

No estágio do Personalismo que vai mais ou menos dos três aos cinco anos de idade a criança começa a se diferenciar dos outros, perceber os papéis sociais nos ambientes que a cerca, bem como, se perceber neste meio e internalizar qual papel lhe é designado, podendo assim, acabar por reorientar os interesses pelas pessoas e objetos. Neste momento ela consegue identificar que é a filha mais velha, nova, do meio, neta etc.

No estágio Categorical a criança começa a avançar intelectualmente dirigindo assim o seu interesse e vontades para coisas cada vez mais específicas, conhecimentos e conquista de seu mundo exterior.

Por fim, no estágio da predominância funcional ocorre um controle da personalidade devido às mudanças hormonais que traz a tona questões pessoais e existenciais dos anos anteriores.

A teoria das Emoções é de grande importância para Wallon, pois a emoção para o autor tanto é a exteriorização da afetividade e ao mesmo tempo é um comportamento social que ajuda a pessoa a se adaptar ao meio.

“As emoções são a exteriorização da afetividade (...) Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de socialidade cada vez mais especializados”.

(WALLON, 1995, p. 143)

As emoções podem se tornam verdadeiras descargas de energia que podem até mesmo sobrepujar o raciocínio e o conhecimento. A emoção é o meio utilizado pelo

recém-nascido para se comunicar com o mundo, e à medida que o tempo vai passando e a criança começa desenvolver seu âmbito cognitivo. A afetividade além de manifestar emoção, manifestará também a mobilização do ser para o ato. Segundo Dourado e Prandini, (s/d, p. 26) “a emoção é capaz de preponderar sobre a razão sempre que à última faltarem recursos para controlar a primeira”. O desenvolvimento deve propiciar a preponderância da razão, já que para Wallon “a razão é o destino final do homem”.

“O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciadas estão tão integrados que cada um é parte construtiva dos outros. Sua separação se faz necessário apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora têm ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda a operação mental têm ressonâncias afetivas e motoras. E toda essa ressonância têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa”. (MAHONEY, 2000, p.15)

### **1.3. O PAPEL DO MEIO NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA**

Para Wallon (1975) a constituição da pessoa se dá através também do meio social ao qual ela esta inserida. Para ele, o meio social e a cultura constituem as possibilidades de desenvolvimento dos seres. A interação entre a pessoa e o meio é dinâmica e constante. Desde que nascemos até quando morremos somos moldados através da cultura tanto interna (das famílias em específico) quanto externas (do meio social).

Ao nascer uma criança esta essencialmente ligada as suas próprias vontades e desejos, porém a medida em que vai crescendo, e vai aprendendo e vivenciando sua cultura local passa a se tornar não só um reprodutor desta cultura como também um agente que pode reproduzi-la em certos pontos quanto modificá-la em outros.

Durante a primeira fase da criança (Estágio Impulsivo) as ações da dela tem por intuito chamar a atenção para suas necessidades a fim de que as mesmas sejam sanadas. Sendo assim, os gestos, choros são manifestações a fim de se conectar com as pessoas e garantir assim, a satisfaçam de suas necessidades e, por conseguinte, garantir sua sobrevivência.

Já a partir dos três meses de idade, segundo Wallon (1975) a criança já esta no Estágio Emocional. Nesta fase a criança vai aos poucos contagiando e se conectando com as pessoas ao seu redor através de sorrisos e outros sinais de contentamento. Nesta fase a criança começa a concretizar laços afetivos com os que estão a sua volta e estes laços são de extrema importância para um satisfatório desenvolvimento.

Segundo Wallon (1978, p. 149-150):

“As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque origem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrario, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, às reações íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico”.

Sem a comoção que o recém-nascido desperta no meio ao seu redor seria quase que impossível que alguém, mesmo sendo a mãe do mesmo, se comover com ele e satisfizer as suas necessidades.

Primeiramente a criança esta ligada a mãe, porém a sua sociabilidade se amplia rapidamente podendo assim a mesma identificar outros parentes como pai, tios, avós, primos. Porém para que a socialização da criança seja ampliada de forma rápida são necessários estímulos, conversas, carinhos, para que ela se sinta segura com os outros assim como se sente com sua mãe. Um bebê se socializa somente com que chega até ele, porém a partir do momento em que ele começa a andar, ocorre uma ampliação da interação com o ambiente que o cerca.

A etapa Sensório-Motor é a fase que a criança conhece o outro como oposição a sua própria existência. Nesta etapa a criança começa a se envolver com as demais pessoas através de jogos. Alguns jogos desta fase são: quando a criança brinca de “achou” com a almofada, de dar e receber tapinhas, cochegas e etc. Nesta fase os sentidos da criança, nem bem a percepção dela e do Outro estão completamente desenvolvidos. Por isso estes jogos são de extrema importância, por através deles, a criança começa a se perceber e estabelecer relações ricas de afeto.

No Estágio do Personalismo (a partir dos três anos) a criança realmente se diferencia dos outros e observa os papéis que seu determinado grupo desempenha. Por isso nesta fase é normal que crianças recriem os papeis visualizados dentro das brincadeiras, como por exemplo, brincar de casinha, escolinha e etc.

Wallon (1975, p.20) afirma:

“Sem dúvida que o papel e o lugar que ai ocupa [a criança] são em parte determinados pela suas próprias disposições, mas a existência do grupo e as suas exigências não se impõem menos à sua conduta. Na natureza do grupo, se os elementos mudam, as suas reações mudam também”.

Segundo Guhur (2009) a afetividade orienta a formação do Eu e de seu mundo social. Através dela a criança percebe e se comunica com o mundo através de gestos, posturas, mímicas, olhares, onde além de se comunicar com o mundo a sua volta, também impõem suas necessidades para que o Outro possa satisfazê-las. A afetividade

segundo a autora tem suas formas de ação e manifestação expressa através dos valores culturais do meio em específico. Já a inteligência, adquirida através da interação com o mundo físico e dos seus objetos é responsável pela motricidade de ação. Assim sendo, tanto a afetividade quanto a cognição agem em conjunto, pois a criança observa o mundo e interage com ele de forma cíclica e simultânea.

De acordo com Guhur (2009, p. 327):

“Permeia, portanto, a afetividade, as interações da criança com o Outro, ao mesmo tempo em que serve como meio de comunicação, permitindo-lhe acessar o mundo das representações e dos símbolos (origem da atividade cognitiva), concomitantemente à construção de seu próprio Eu (identidade) e da consciência de si. Esta importante tarefa se realiza de forma gradual, à medida que, encontrando contexto propício à aquisição e ao domínio dos mecanismos que viabilizam conhecer e apreender os fenômenos do mundo (através de funções motoras básicas como o andar; o conhecimento perceptivo-motor; a representação mental; a linguagem), a criança passa, em seus relacionamentos, de um estado de sincretismo afetivo para a diferenciação social autônoma”.

A criança ao nascer é totalmente dependente do outro, e esta relação com o Outro que faz com que ela se perceba e interaja com o meio. Wallon (1982, p.202) demonstra que *“é por intermédio de relações de sociabilidade que necessariamente se abre sua vida [da criança]: elas antecedem, de longe, as relações com o mundo físico”*. Ele ainda acrescenta que *“em cada idade, a sociabilidade adquire a forma que o nível de organização mental lhe possibilita ou ordena. E não lhe cabe, a ela, regular as relações que a inteligência distingue entre elas”* (s/d, p.139).

Na fase da adolescência com a puberdade os sentimentos se alteram e as crianças que agora aos poucos se tornam adolescentes buscam cada vez mais da afirmação de seu meio para sua própria validação. Assim como um bebê precisa de se sentir aceito em seu âmbito familiar para se desenvolver de forma plena, assim também ocorre com os adolescentes, que buscam em seu grupo o sentimento de pertencimento na sociedade. Na adolescência é perceptível como o meio social condiciona a existência da pessoa, e configura sua personalidade.

Cada classe da sociedade vive a fase da adolescência de forma peculiar, sendo que, os dilemas vividos pela classe média são totalmente diferentes dos dilemas da classe pobre ou mais abastarda.

Segundo Wallon (1975) a cultura geral aproxima os homens. Para ele, além da pessoa se modificar através das relações físicas e pessoas, as mesmas também podem ser modificadas através da produção do Outro, mesmo que em diferentes épocas. Segundo Dourado e Prandini (s/d, p.28), para Wallon “a cultura é ao mesmo tempo constituinte da pessoa e representante das aptidões totais do homem genérico, à medida que é constituída pela totalidade dos homens de determinada época e lugar”.

#### **1.4. A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

As ações do professor em sala de aula afetam diretamente a aprendizagem dos alunos e a relação deles com determinado conhecimento. É muito comum ouvir que um aluno não gosta de determinada matéria e com a mudança de ano e conseqüentemente mudança de professor, o mesmo aluno que não gostava da matéria começa a gostar por sentir mais empatia com o novo professor. Para Mahoney e Almeida (2007, p. 27) segundo a teoria walloniana, afirma que a afetividade “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. Sendo assim, se o aluno sente empatia pelo professor, sente abertura do mesmo para que eles possam estabelecer uma troca de conhecimentos, logo isso ajudará na aprendizagem do aluno, pois ele sentirá que o professor está disposto a ajudá-lo, e não simplesmente avaliá-lo.

Como já foi visto acima, afetividade não é só refletida somente com demonstrações físicas de carinho, amor e cuidado, a mesma pode ser refletida também através de respeito, atenção às necessidades, reforço positivo. Sendo assim, quando um professor se torna parte do processo de ensino aprendizagem assumindo o papel de mediador e não o detentor do poder, acaba por transmitir sensação de segurança para seus alunos de que não serão na sala de aula julgados pelo o que eles sabem ou deixam de saber, mas sim que construíram junto com a ajuda do professor, construção esta, que impactará positivamente a vida dos mesmos. Segundo Freire (1996, p. 47) “ensinar não é transmitir conhecimento, mas sim criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Segundo Freire (1996,) “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. O professor para gerar um ambiente propício ao desenvolvimento do aluno precisa primeiramente respeitar sua realidade e seus conhecimentos pré-adquiridos. Se um professor não conhece de onde vêm seus alunos, nem de seus dilemas, a ajuda que o mesmo poderá oferecer para que estes alunos vejam na educação uma forma de modificar sua realidade, será mínima. Angel Pino (2010) em seu artigo “Criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação” levanta um questionamento bastante pertinente: Será que é possível compreender a influência



que o meio exerce no desenvolvimento da criança sendo que este professor não conhece o meio nem as condições concretas em que esta criança vive? Sendo que este meio em que a criança vive é dinâmico, pois cada idade, segundo Vigotski (2010) possui o seu próprio meio. Segundo ele:

Até mesmo quando o meio se mantém quase inalterado, o próprio fato de que a criança se modifica no processo de desenvolvimento conduz à constatação de que o papel e o significado dos elementos do meio, que permanecem como que inalteráveis, modificam-se. (VIGOTSKI, 2010, s/p)

O ato de ensinar deve ser encarado não como uma mera transmissão de conteúdos, mas sim um ato de entrega onde o professor deve observar seus alunos como um todo, não somente as notas dos mesmos, mas sim os avanços, dilemas que eles encontram no percurso de sua caminhada juntos, a fim de que a intervenção do professor seja executada da melhor forma possível. Segundo Freire (1996) “educar é substantivamente formar”. Para que o professor possa realmente acompanhar o desenvolvimento de seus alunos e participar deste processo ele precisa refletir sobre a prática dele mesmo, precisa além de fazer, analisar o que foi feito e modificar se preciso, pois segundo Freire (1996, p.39) “na formação permanente do professor o momento fundamental é o ato da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Sendo assim, além de saber como o meio está influenciando no desenvolvimento do aluno precisamos também, saber interpretar o que constitui a vivência deste aluno.

A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um comportamento qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro. (VIGOTSKI, 2010, s/p)

Segundo uma pesquisa realizada no interior da cidade de São Paulo em uma escola privada no ano de 2013, existem oito aspectos que revelam a influência afetiva nos processos de ensino e aprendizagem, são eles: as formas como o professor ajuda os alunos; as formas de falar com os alunos; as atividades propostas; as aprendizagens que

vão além dos conteúdos; as formas de corrigir e avaliar; a repercussão na relação aluno-objeto de conhecimento; a relação do professor com o objeto de conhecimento; os sentimentos e percepções do aluno em relação ao professor.

A forma como o professor ajuda seus alunos esta inteiramente ligada a como ele se disponibiliza em participar da construção do conhecimento com o aluno, não somente ministrando a aula em si, mas também dando dicas, ideias, mostrando diferentes formas de se fazer ou até mesmo explicando passo a passo algo que o aluno não tenha entendido. Quando o professor se abre a ajudar os alunos, os mesmos sentem que podem (caso precisem) procurá-lo que ele o ajudará e isso conseqüentemente passa segurança para o aluno.

A relação afetiva que estabelece a cada momento com cada acontecimento de seu universo predomina sobre o pensado e determina positiva ou negativamente as características que atribui aos objetos, pessoas ou situações com que lida. Embora saiba que as coisas, pessoas e acontecimentos têm uma individualidade estável, a compreensão que têm deles está diretamente relacionada a suas experiências emocionais (AMARAL, 2000, p. 51).

A forma de falar com o aluno é de extrema importância para que a empatia entre o aluno e o professor ocorra. O tom de voz do professor pode gerar no aluno tranquilidade ou ansiedade que conseqüentemente afetava na compreensão do conteúdo. Além do tom de voz ser de extrema importância para a boa comunicação entre professor e aluno o tipo de vocabulário deve ser analisado, pois compreender o que professor esta explicando é de extrema importância para o desempenho do aluno. Quando o aluno não sente abertura em se comunicar com o professor ou não entende o que ele explica, logo uma barreira entre o aluno e o professor começa a aparecer.

O tipo de material usado contribui para a melhor apreensão da matéria, pois para Wallon a educação deve atender as necessidades e aptidões do aluno. Por isso cabe ao professor analisar o perfil de seus alunos a fim de contribuir propondo atividades que tenham a ver com a vivência dos mesmos, bem como atendam as aptidões dos alunos. Segundo Wallon (1995b) os desafios estimulam a ação do aluno, mas a impossibilidade de superação traz danos ao mesmo.

O professor deve ter sempre um olhar atento a mediar aprendizagens que vão além dos conteúdos. O olhar do professor a seu aluno como um todo, a sua postura, melhora ou piora no processo de ensino e aprendizagem, bem como seus dilemas vividos fora da escola faz com que a afetividade entre o professor e o aluno cresça propiciando assim a cognição.

As formas de corrigir e avaliação para o aluno deve ser clara e é preferível que pelo menos em parte os alunos participem da organização da divisão das notas. Quando o aluno esta a par de como será a avaliação gera maior segurança para que o mesmo possa se desenvolver. Falta de clareza na avaliação, bem como testes surpresas acabam por gerar um sentimento de insegurança produzindo assim, medo e ineficiência nos alunos.

A ação pedagógica do professor acaba por gerar a confiança ou a insegurança no aluno. Algumas vezes para o aluno é difícil de desvencilhar a imagem do professor da sua prática, pois isso algumas vezes na visão do aluno o professor é em essência aquilo que ele vê na sala de aula. Por isso o fato de gostar do professor influencia no fato dele gostar ou não do objeto de estudo deste professor. Esta é uma “via de mão dupla”, onde o professor ao realizar uma aula pouco dinâmica, não observar as necessidades de seus alunos ou não abrir espaços para que os mesmos se comuniquem com ele, acaba gerando nos alunos um sentimento de desconsideração tanto a ele (professor) quanto ao objeto de suas aulas. A relação do aluno com a disciplina recebe extrema influência da relação do professor com o aluno. Gostar do professor às vezes leva o aluno a gostar da disciplina ou o contrário. Para Tassoni e Leite (2013, p.267) “para compreender o individuo em sua complexidade, é necessário integrar as dimensões afetivas e cognitivas que o compõem”.

A partir dos conhecimentos sobre a emoção e seus complexos processos de construção, o conceito de homem centrado apenas na sua dimensão racional, típico da visão cartesiana, vem sendo revisto, em direção a uma concepção monista de constituição de ser humano, em que afetividade e cognição passam a ser interpretados como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais aceitável analisá-las isoladamente (LEITE; TASSONI, 2006, p.17).

Wallon (1995a, p. 99) afirma que:

A emoção tem a necessidade de suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, tem sobre o outro uma grande força de contágio. É difícil ficar indiferente às suas manifestações, não se associar a elas através de arroubos de mesmo sentido, complementares, ou mesmo antagônico.

Segundo Wallon a admiração pelo outro constitui um aspecto bastante importante no processo de diferenciação entre o indivíduo e a outra pessoa. Por meio da imitação, a criança age segundo as qualidades e méritos que admira no outro, tomando-os como modelos (WALLON, 1995a, 1995b).

Segundo Wallon (1995b, p.206), “dos três aos seis anos o apego às pessoas é uma inextinguível necessidade para a pessoa da criança”. Além do apego, existem as necessidades de cuidado que a mesma precisa e são fundamentais para o seu desenvolvimento pleno, caso ocorra à privação de algum desses dois pontos pode provocar “atitudes duradouras de insatisfação que podem marcar, não direi de maneira irrevogável, mas de maneira prolongada, o comportamento da criança nas suas relações com o meio que a rodeia” (WALLON, 1995c, p.210). Esta necessidade da criança em se apegar e conectar com os outros tanto vale para o âmbito familiar quanto escolar. Caso a mesma se sinta ferida em uma dessas duas instituições os danos podem ser severos e até mesmo difíceis de serem tratados, podendo gerar síndromes e fobias.

Já na fase da adolescência, Wallon (1975) afirma que os jovens vivenciam tanto o sentimento de querer ser independente e adulto quanto também a necessidade de ser guiado por esta nova fase. Para ele por conta desse mix de sentimentos o jovem acaba por se opor ao outro, não necessariamente a pessoa do outro, mas sim o que ele representa, que são regras e controle. Der e Ferrari (2000, p.66) defendem que “o jovem precisa receber atenção, ser ouvido, respeitado e valorizado, tendo em vista desenvolver uma personalidade autônoma”.

A fase da adolescência tanto para o jovem quanto para a família pode ser uma fase de extremamente sensível, pois tanto o jovem quanto seus pais estão assimilando e reorganizando quem é este jovem (que já não é mais a criança da casa), seus novos dilemas, seus papéis e as novas responsabilidades. Por conta disso a relação entre o jovem e seus pais podem ficar estremecidas (mesmo que por um curto período), por isso a escola tende a ser um local de ajuda para que este então adolescente possa se

reconhecer. O papel do professor nesta fase é de extrema importância, pois em alguns casos ele terá mais abertura de conversar com este aluno até mais do que a própria mãe ou pai.

Sendo assim, independente da fase em que seu aluno está, ou quais dilemas o mesmo enfrenta, o desafio de todo professor e da escola como um todo é o de “criar condições afetivas para o aluno atingir a plena utilização do funcionamento cognitivo, e vice-versa” (ALMEIDA, 200, p. 126).

As situações vivenciadas em sala de aula podem impactar tanto positivamente quanto negativamente os alunos. Sentimentos como: alegria, medo, ansiedade, segurança, vergonha, raiva, orgulho, satisfação, dentre outros, podem afetar o processo de ensino aprendizagem bem como a relação dos envolvidos e em casos mais extremos ocasionar traumas.

Segundo Tassoni e Leite (2013, p. 270)

“os alunos constroem a imagem de si mesmos, percebem do que são capazes, identificam suas dificuldades, compreendem ou não os conteúdos, a partir das situações vivenciadas com os professores e ainda e dos sentimentos e emoções que elas produziram”.

Tassoni e Leite (2013, p.270), também afirmam que:

“é fundamental o olhar atento do professor, sua escuta, suas intervenções, traduzindo as expectativas dos alunos, suas dúvidas e necessidades. Não se trata de esquecer os conteúdos, mas pensar num trabalho que passa pela qualidade da relação que se estabelece entre o professor, aluno e conhecimento”.

## 1.5. RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Sabemos que o “fracasso” escolar de um aluno não se deve somente a um ponto, mas sim a vários pontos que juntos acarretam em uma dificuldade de comunicação, aprendizagem e até mesmo pertencimento a escola, ocasionando assim, o baixo desempenho escolar. Um dos pontos acima trabalhados é o de que o professor tem um papel fundamental na relação com seus alunos, através do relacionamento dele com os mesmos, bem como sua receptividade, forma de abordar o conteúdo e comunicação. O professor pode ajudar a propiciar um ambiente onde o aluno se sinta seguro para trocar conhecimento e mostrar suas dificuldades. Porém somente responsabilizar o professor por um processo tão amplo como este, seria negligenciar o papel que a família desempenha na construção do eu social.

Através da família que começamos a primeiramente nos relacionar com o mundo, aprendemos a nossa cultura e começamos também a fazer parte ativa da cultura local. Nela começamos a interagir com o mundo e a observá-lo. A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000). A criança pequena somente é capaz de distinguir quem são seus pais através da troca de carinhos. Ao nascer um bebê não sabe ao certo de quem é filho, porém em poucos dias ele já começa a reconhecer a mãe e logo em seguida o pai através da voz, pois através da comunicação pré-nascimento e pós-nascimento e da troca de carinhos o bebê começa a reconhecer o seu mundo e o papel que cada pessoa desempenha nele. Através da relação com sua família, a criança aprende o que é aceitável ou não e o que pode ou não fazer. Porém a partir do momento em que a mãe precisa retornar a trabalhar após a licença maternidade ou que a criança atinge a idade para ir para a escola, este papel acaba por ser dividido entre outros indivíduos ou instituições, como por exemplo, a escola. A criança nasce “dependente”, precisa de uma família ou de um grupo que a acolha. Eizirik (2001), destaca que, na verdade, a “independência” é algo que nunca atingimos totalmente.

A partir do momento que a criança começa a crescer o papel da educação acaba por ser dividido com diversos outros agentes que por vezes educam diretamente, como família, escola, religião ou indiretamente como, televisão, música, etc. Por isso o grande desafio para os pais é o de, mesmo com o filho crescendo, continuar participando

da vida dos mesmos não somente para cobrar resultados acadêmicos, mas sim para ajudá-los a alcançar o seu desempenho pleno.

À medida que os filhos crescem, a família gradativamente abre-se para o mundo externo, representado principalmente pela escola. Os cuidados de filhos em idade escolar exigem da família grande coesão e organização. A escola funciona como verdadeira vitrina da família, mostrando o que está indo bem e o que está indo mal. Por isso, é natural que seja a escola quem tome freqüentemente a iniciativa de encaminhar a criança para atendimento (EIZIRIK, 2001, p. 66).

Sisto (2001, p. 100) afirma que:

[...] embora não exista uma concordância quanto ao papel desempenhado pelos afetos no processo de conhecer, é consenso o fato de que os estados afetivos interferem no cognitivo. Também parece haver uma certa concordância quanto ao fato de que as funções afetivas e cognitivas são de natureza distinta, embora indissociáveis, uma vez que não existe conduta afetiva sem elementos cognitivos nem tão pouco elementos cognitivos desvinculados do afeto.

O desenvolvimento afetivo saudável entre pais e filhos ajudam na melhor integração do indivíduo nos diversos ambientes em que ele venha a participar. O apoio parental, em nível cognitivo, emocional e social, permite à criança desenvolver repertórios saudáveis para enfrentar as situações cotidianas (EISENBERG & COLS., 1999), porém a falta deste apoio, pode gerar danos extremos não só a nível familiar, mas também no nível social como um todo. Crianças que não possuíram apoio e afeto familiar quase sempre acabam por desenvolver dois possíveis tipos de comportamentos quando são inseridas em um grupo maior: ou a mesma se comporta de forma agressiva com os demais integrantes ou ela se torna fechada a qualquer tipo de relacionamento a fim de não ser ferida de novo. Em ambos, os aspectos da falta de apoio familiar podem ocasionar problemas de ajustamento social.

As figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, da autoestima, autoconceito e, também, constroem modelos de relações que são transferidos para os outros contextos e momentos de interação social (VOLLING; ELINS, 1998). Sendo assim, na escola a criança acaba por representar aquilo o que ela vive. Se a mesma vive em um ambiente hostil, com brigas, desrespeito, a tendência dela em um determinado momento de pressão é reproduzir aquilo que seu subconsciente presenciou

com mais frequência. Cabe tanto a família quanto a escola propiciar atividades que despertem o interesse do aluno para a aprendizagem mais sistematizada. Ambas instituições devem ser parceiras a fim de proporcionar as crianças os meios e a ajuda que elas precisam para se desenvolverem tanto afetivamente, quanto cognitivamente, quanto socialmente de forma plena. Andolfi (1984, p. 19) diz: “Podemos admitir que, para atingir a diferenciação - para encontrar espaço pessoal, a própria identidade - cada pessoa crescerá e se definirá através de trocas com outras pessoas”.

A participação dos pais na vida escolar de seus filhos é de extrema importância para o desenvolvimento escolar da criança, pois assim, ela se sentirá valorizada pelos mesmos. Existem várias formas de se participar da vida escolar dos filhos, como por exemplo: ajudar na tarefa escolar; conferir a agenda; ser aberto para ajudá-lo mesmo sem conhecer o assunto, passando assim a segurança para seu filho que você achará alguém para ajudá-lo; participar das reuniões escolares; conhecer as pessoas do convívio escolar da criança tanto a nível institucional quanto seus amigos; etc. Segundo López (2002, p. 77) os pais:

- Devem manter contatos periódicos com os professores para ter conhecimento constante do processo educativo;
- Prestar a colaboração que lhes for exigida por parte dos professores para tornar mais coerente e eficaz a atuação escolar, tanto no campo acadêmico estrito como no mais amplo das atitudes e dos hábitos de comportamento que se pretende fomentar como parte do projeto educacional da escola.

Sendo assim, podemos destacar que a principal ajuda que os pais podem dar a seus filhos a nível escolar, não é necessariamente colocá-los em escolas caras, ou em acompanhamentos escolares, mas sim, se dispuserem a fazer parte desta fase de seus filhos e ajudá-los em tudo que for possível, mantendo em mente que o seu filho é o resultado daquilo que você o ensinou, ou permitiu que ele reproduzisse, e que para mudar um hábito adquirido é necessário informação, apoio e afeto. Por fim, o apoio e participação da família na vida escolar dos alunos, junto com a predisposição de fazer um trabalho de qualidade por parte do professor e da escola acabam por propiciar um ambiente fértil para o desenvolvimento dos alunos.



## CAPÍTULO II – METODOLOGIA

### 2.1. MÉTODO

Esta monografia apresenta o resultado da pesquisa qualitativa realizada com sete mães e seus respectivos filhos, todos estudantes do 8º ano do ensino fundamental visando perceber a influência da afetividade e da participação familiar para o melhor desempenho escolar dos alunos.

A abordagem escolhida foi a de pesquisa qualitativa, onde não se pretende numerar ou medir dimensões, mas sim fazer uma análise mais aprofundada das respostas levando em consideração a complexidade dos fenômenos apresentados. Sendo assim, o entrevistado tem a possibilidade de responder as perguntas de acordo com suas vivências e convicções e a pesquisadora consegue através do questionário, entender de mais forma mais abrangente a realidade dele.

Na entrevista qualitativa é dada à pesquisadora a possibilidade de tornar explícito o conhecimento que até então era implícito somente ao entrevistado. É possível elencar suposições, pontos de vista ou pensamentos de forma organizada, permitindo a comparação, uma correspondência ou não junto às teorias já organizadas. (FLICK, 2009).

Segundo Antônio Carlos Gil (1995, p. 124)

“Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc..”

Também segundo Silva e Menezes (2005, p.20) a pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores

tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Para entender a complexidade dos agentes entrevistados, foi encaminhado um questionário via email para as mães dos sete alunos, na qual, tanto elas como seus filhos deveriam preencher e enviar de volta para a pesquisadora via email. Os alunos escolhidos foram do 8º ano, pois na prática este é o último ano do ensino fundamental, afinal cada vez mais, o 9º ano tem sido estruturado para ser um “pré-ensino médio”.

## **2.2. PARTICIPANTES**

Os participantes da pesquisa foram escolhidos ao acaso sendo que todos são pais de alunos e alunos que cursam o mesmo ano do ensino fundamental. Os alunos escolhidos cursam o 8º ano do Ensino Fundamental em colégio público. Foi escolhida esta faixa de ensino, por ser o penúltimo ano do ensino fundamental e o outro critério foi à faixa etária, pois a maioria dos alunos tem entre treze e quatorze anos.

Quando a criança esta iniciando sua vida escolar, é comum e natural para o pai/ responsável participar do processo de ensino e aprendizagem, porém à medida que o aluno cresce, e o responsável por vezes não domina mais o conteúdo que é abordado em sala de aula, pode ocorrer dele responsabilizar somente o aluno pelo seu sucesso ou fracasso escolar se eximindo de participar de forma ativa. Por isso, esta pesquisa tem o intuito de perceber se os pais de alunos que estão na fase de transição entre a infância e a adolescência, participam da vida escolar de seus filhos e como que o aluno interpreta o que seu responsável faz para ajudá-lo.

A seguir, apresentamos o perfil de cada um dos participantes (tanto as mães quanto os filhos). Ressalte-se que todos os responsáveis participantes desta pesquisa são do gênero feminino.

A primeira mãe participante tem 42 anos, é dona de casa e possui o segundo grau completo. A filha dela esta no 8º ano do Ensino Fundamental e tem 14 anos.

A segunda mãe participante tem 38 anos, é cabeleireira e possui o ensino fundamental completo. A filha dela esta no 8º ano do Ensino Fundamental e tem 14 anos.

A terceira mãe participante tem 41 anos, é pensionista do Governo do Distrito Federal e possui o segundo grau completo. A filha dela está no 8º ano do Ensino Fundamental e tem 13 anos.

A quarta participante tem 35 anos, é vendedora e possui o segundo grau completo. A filha dela está no 8º ano do Ensino Fundamental e tem 14 anos.

A quinta participante tem 35 anos, é encarregada de serviços gerais e possui o segundo grau completo. O filho dela está no 8º ano do Ensino Fundamental e tem 13 anos.

A sexta participante tem 35 anos, é professora e possui o ensino superior completo. O filho dela está no 8º ano do Ensino Fundamental e tem 14 anos.

A sétima participante tem 41 anos, não trabalha e possui o segundo grau completo. A filha dela está no 8º ano do Ensino Fundamental e tem 14 anos.

### **2.3. INSTRUMENTOS DA PESQUISA**

O instrumento utilizado para esta pesquisa foi o questionário. O questionário foi enviado via email para as mães participantes e as mesmas preencheram e depois pediram aos seus respectivos filhos que preenchessem a parte relativa a eles e me enviassem. Não houve nenhum contato com os participantes da pesquisa. A escolha de todos os participantes ocorreu através da ajuda da professora deles, onde a mesma em sala de aula perguntou quais alunos teriam pais que pudessem participar da pesquisa.

Os questionários foram elaborados com a finalidade de perceber se os pais participam mesmo da vida escolar de seus filhos e como os mesmos fazem isso. Porém para saber se realmente a presença dos pais é efetiva na vida escolar dos alunos participantes, pedimos que os alunos envolvidos também preenchessem um segundo questionário informando como estão as notas deles nas matérias de humanas e exatas, como os pais os ajudam nas suas dificuldades escolares, bem como, se os pais participam de suas vidas escolares e como eles fazem isso. A íntegra do questionário encontra-se disponível nos Apêndice B (questionário dos responsáveis) e C (questionário

dos alunos) do presente trabalho.

Adotou-se como procedimento de pesquisa o questionário semi-estruturado (com questões abertas e fechadas), o qual permite, de forma direta, a comparação entre as respostas dos participantes, levando a reflexão de suas respostas de forma comparativa e direta, importando o conteúdo das respostas, uma vez que a pergunta é exatamente igual para todos (BONI; QUARESMA, 2005).

A incompreensão de alguma pergunta poderia levar o sujeito a responder uma questão de maneira equivocada (BONI; QUARESMA, 2005). No caso desta pesquisa, nenhum dos participantes relataram ter dificuldades em entender e responder nenhuma das perguntas.

## **2.4. PROCEDIMENTOS**

Inicialmente a pesquisadora escolheu qual faixa etária gostaria de abordar nesta pesquisa. Foi escolhido fazer esta pesquisa com alunos que tem entre 13 e 14 anos e que cursam o 8º ano do Ensino Fundamental em colégio público. O intuito de fazer esta pesquisa com alunos que estão no 8º ano do Ensino Fundamenta é o de entender como os pais participam da rotina escolar de seus filhos mesmo eles estando cada vez mais independentes. Gostaríamos também de saber como que os pais participam da vida escolar dos alunos e como o aluno percebe o que o pai/ responsável esta fazendo, ou se o mesmo está fazendo algo a esse respeito.

Após a escolha da faixa etária a pesquisadora entrou em contato com uma professora que mediou à escolha dos sete alunos que seriam entrevistados. Estes sete alunos foram voluntários e eles passaram os emails de seus pais para que a entrevistadora pudesse fazer o primeiro contato e enviar os questionários para o preenchimento.

Os questionários foram devolvidos em cerca de cinco dias. Após o recebimento dos mesmos, a pesquisadora enviou mensagem de agradecimento aos participantes.

## CAPÍTULO III

Este capítulo destina-se a realizar a análise qualitativa das respostas dos questionários coletados.

### ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO DAS MÃES

Inicialmente, relembro que foram sete mães participantes desta pesquisa, cujo instrumento de obtenção das informações foi um Questionário.

Com relação à pergunta número 1 do questionário: “Qual sua frequência de visitas na escola de seu filho?” três mães relataram ir à escola de seus filhos somente quando é solicitado. Como forma de opção para esta resposta nós tínhamos as seguintes possibilidades: semanal, mensal, bimestral, semestral, anual e somente quando solicitado, mostrando assim, que estas três mães somente se dirigem às escolas de seus filhos caso os mesmos apresentem problemas (pois nessas situações que a escola convoca a presença do responsável). Já quatro mães marcaram a opção bimestral, mostrando assim, que na reunião bimestral de seus filhos, independente do resultado, as mesmas participam e tentam interagir com a rotina escolar de seus filhos. Essas mães demonstram assim que participam da rotina escolar de seus filhos somente quando a presença é obrigatória.

|                   | MÃE 1 | MÃE 2 | MÃE 3 | MÃE 4 | MÃE 5 | MÃE 6 | MÃE 7 |
|-------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Semanal           |       |       |       |       |       |       |       |
| Mensal            |       |       |       |       |       |       |       |
| Bimestral         |       | X     |       | X     | X     |       | X     |
| Semestral         |       |       |       |       |       |       |       |
| Anual             |       |       |       |       |       |       |       |
| Quando Solicitado | X     |       | X     |       |       | X     |       |

Já com relação à pergunta número 2 do questionário “Qual o seu contato com a coordenadora da escola de seu filho?” Quatro mães relatam vê-la nas reuniões bimestrais, mas nunca conversarem com ela acerca de seu filho, duas mães não conhecem a coordenadora e somente uma mãe marcou a opção que conhece a coordenadora e conversa com a mesma a cerca de seu filho nas reuniões bimestrais.

|                   | MÃE 1 | MÃE 2 | MÃE 3 | MÃE 4 | MÃE 5 | MÃE 6 | MÃE 7 |
|-------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Semanal           |       |       |       |       |       |       |       |
| Mensal            |       |       |       |       |       |       |       |
| Bimestral         |       | X     |       | X     | X     |       | X     |
| Semestral         |       |       |       |       |       |       |       |
| Anual             |       |       |       |       |       |       |       |
| Quando Solicitado | X     |       | X     |       |       | X     |       |

Historicamente quando o estudante era chamado para a coordenação da escola, ele interpretava isto como uma punição. Porém muito tem sido feito para que esta visão seja modificada, pois a coordenadora possui um importante papel de auxiliar tanto o professor quanto o pai do aluno no trato com a criança ou adolescente. Visitar a escola para conversar com o coordenador e com o professor da criança, independente dos comportamentos da mesma, passa a mensagem para o aluno que o pai se importa com o que acontece em seu momento na escola e não somente com os resultados que ele entrega em casa. Mahoney e Almeida (2007, p.17) afirma que: “A afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”.

À pergunta número 3 do questionário foi “Como você ajuda seu filho quando o mesmo apresenta dificuldade em determinada matéria?” quatro mães relataram estudar com seus filhos e tentar lhes ensinar a matéria, já duas mães buscam ajuda de alguém da família para ajudá-lo, sendo que apenas uma mãe busca a ajuda de um profissional especializado para auxiliar nas atividades pedagógicas de seu filho. O resultado desta

resposta diverge das respostas dadas pelos filhos de determinadas mães, mostrando que às vezes a mãe pode até ter “boa vontade” de ensiná-lo quando ele apresentar alguma dúvida, porém os filhos raramente procuram estas mães para apresentar-lhes estas dúvidas, sendo assim, a mãe somente percebe que o filho tinha dúvidas no momento que sai o resultado.

|   | MÃE 1 | MÃE 2 | MÃE 3 | MÃE 4 | MÃE 5 | MÃE 6 | MÃE 7 |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Estudo com ele e tento lhe ensinar a matéria    | X     | X     |       | X     |       |       | X     |
| Busco ajuda de alguém da família para ensiná-lo |       |       | X     |       | X     |       |       |
| Busco a ajuda de um profissional especializado  |       |       |       |       |       | X     |       |
| Deixo que o mesmo estude sozinho                |       |       |       |       |       |       |       |

O diálogo entre pais e filhos é de extrema importância para a formação do aluno, saber que tem o apoio do pai e que independente de seus resultados o percurso desenvolvido por ele será levado em consideração é de grande relevância para que o aluno possa se sair bem na escola. Pois Segundo Wallon, uma aptidão só se manifesta se encontrar ocasião favorável e objetos que lhes respondam.

Na pergunta número 4 “Quantas horas diárias você passa com seu filho?” as mães relataram que passam cerca de duas, três, quatro, oito, doze e dezenove horas por dia com o seu filho. Porém sabemos que o tempo em que se está presente pode ser

diferente do tempo em que realmente se relaciona. Crianças e adolescentes precisam ter um tempo diário de qualidade com seus pais a fim de reforçar o vínculo de confiança entre ambas as partes.

| MÃE 1            | MÃE 2           | MÃE 3           | MÃE 4            | MÃE 5           | MÃE 6           | MÃE 7            |
|------------------|-----------------|-----------------|------------------|-----------------|-----------------|------------------|
| 12 horas por dia | 3 horas por dia | 2 horas por dia | 12 horas por dia | 4 horas por dia | 8 horas por dia | 19 horas por dia |

A pergunta número 5 era destinada à saber “Qual atividade as mães faziam com os filhos que mais lhes davam prazer (para ambas as partes)” as mães responderam diversas atividades como por exemplo: passear, fazer maquetes, sair juntos, visitar parentes, ciclismo, ir para o clube, sendo que uma das mães relatou que não faz nenhuma atividade diferente com sua filha que gera prazer para ambas as partes. Segundo Wallon (1995a) a vida afetiva se constitui a partir de um intenso processo de sensibilização. A criança ou o adolescente precisa se sentir atraído pelas pessoas que o rodeiam para que o processo de afetividade se dê início. Caso o pai ou a mãe negligencie as necessidades afetivas de seu filho, possivelmente, a figura do mesmo para a criança será distorcida e a relação entre ambos pode ser prejudicada gravemente.

| MÃE 1       | MÃE 2          | MÃE 3   | MÃE 4   | MÃE 5            | MÃE 6    | MÃE 7           |
|-------------|----------------|---------|---------|------------------|----------|-----------------|
| Sair juntos | Fazer maquetes | Nenhuma | Passear | Visitar Parentes | Ciclismo | Ir para o clube |

Por fim, a última pergunta feita às mães foi a de “como você acredita que seu filho(a) é reconhecido em sala de aula pelos professores?”. Todas as mães foram unânimes em marcar a opção: Conversa bastante, mas apresenta bons resultados. Sendo que uma mãe também marcou a opção de: Atento e participativo. As respostas das mães mostram que elas conhecem a personalidade de seus filhos e também os seus bons resultados escolares.



|   | MÃE 1 | MÃE 2 | MÃE 3 | MÃE 4 | MÃE 5 | MÃE 6 | MÃE 7 |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Atento e participativo                        |       |       | X     |       |       |       |       |
| Conversa bastante, mas mantém bons resultados | X     | X     | X     | X     | X     | X     | X     |
| Desinteressado                                |       |       |       |       |       |       |       |
| Desinteressado e Indisciplinado               |       |       |       |       |       |       |       |

## ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO DOS FILHOS

Relembro que, este questionário foi aplicado a sete alunos do 8º ano do ensino fundamental, sendo que, todos são filhos das mães participantes desta pesquisa.

A primeira e a segunda pergunta feitas aos alunos foram de qual era a média deles nas matérias de humanas e exatas. Todos os alunos relataram ficar acima da média tanto nas matérias de humanas como nas de exatas, mostrando assim, aparentemente, que a maioria dos alunos entrevistados não possuem grandes problemas de aprendizagem.

|  | ALUNO<br>1                | ALUNO<br>2                | ALUNO<br>3                | ALUNO<br>4                | ALUNO<br>5                | ALUNO<br>6                | ALUNO<br>7                |
|--|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Média nas<br>matérias<br>de<br>humanas | Acima<br>do 7,0<br>pontos | Acima<br>do 5,0<br>pontos | Acima<br>do 8,5<br>pontos | Acima<br>do 8,0<br>pontos | Acima<br>do 5,0<br>pontos | Acima<br>do 5,0<br>pontos | Acima<br>do 7,0<br>pontos |
| Média nas<br>matérias<br>de exatas     | Acima<br>do 8,0<br>pontos | Acima<br>do 6,5<br>pontos | Acima<br>do 8,0<br>pontos | Acima<br>do 6,0<br>pontos | Acima<br>do 5,0<br>pontos | Acima<br>do 5,0<br>pontos | Acima<br>do 6,0<br>pontos |

Na pergunta número 3, foi perguntado aos alunos, quais dificuldades eles encontravam para estudar. A aluna número um relatou que a maior dificuldade que encontra para estudar é a de que ela não tem muito costume de ler, dificultando assim, sua interpretação dos textos. Esta dificuldade apresentada pela aluna mostra que, a nota não está ligada propriamente ao que a criança domina, pois mesmo tendo bons resultados na escola, a aluna possui uma dificuldade bastante primária que deveria ter sido observada nos anos iniciais de sua formação, para que agora ela já pudesse ter sanada ou minimizada. Dois alunos relataram não sentirem nenhuma dificuldade em entender as matérias, e um aluno relatou que a maior dificuldade em entender as matérias se deve ao local onde ele estuda. Segundo ele, o mesmo não tem em casa um ambiente tranquilo para fazer os deveres e estudar após a escola.

| ALUNO<br>1  | ALUNO<br>2                                | ALUNO<br>3  | ALUNO<br>4                        | ALUNO<br>5  | ALUNO<br>6                         | ALUNO<br>7  |
|---|---|---|-----------------------------------|---|------------------------------------|---|
| Quando o professor não explica a matéria direito. | Quando o professor não explica a matéria. | Em casa não tem nenhum lugar quieto para estudar e fazer as lições de casa. | Não apresenta nenhuma dificuldade | Não tem o hábito de ler, por isso não interpreta muito bem as questões apresentadas pelo professor. | Não apresenta nenhuma dificuldade. | Quando o professor não explica a matéria direito. |

Três dos alunos entrevistados acreditam que suas maiores dificuldades em entender determinado conteúdo se deve a forma a qual o professor explica os conteúdos em sala, mostrando assim, que,

“é fundamental o olhar atento do professor, sua escuta, suas intenções, traduzindo as expectativas dos alunos, suas dúvidas e necessidades. A escola é o local de interações sociais intensas e variadas e é neste espaço que os alunos desenvolvem suas possibilidades... Não se trata de esquecer os conteúdos mas pensar num trabalho que passa pela qualidade da relação que se estabelece entre professor, aluno e conhecimento”. (TASSONI e LEITE, 2013, p. 270)

Já a quarta pergunta feita aos alunos foi “Como seus pais lhe ajudam a sanar as dificuldades que você tem ao estudar?”. Uma aluna não respondeu esta pergunta, levando-nos a crer que a família não participa ajudando a aluna na escola. Isto pode se devido, tanto por a aluna não relatar suas dificuldades para a mãe, ou não apresentar dificuldades que necessitassem de uma ajuda de seus pais ou até mesmo dos pais propriamente dito, não ajudarem a aluna mesmo a mesma apresentando suas dificuldades.

Já cinco alunos relataram que os pais tentam ajudar explicando o conteúdo ou ajudando nos deveres de casa, ou convocando alguém da família ou um profissional que tenha condições de ajudá-los melhor, caso os mesmos não saibam o conteúdo. Sendo

que um aluno relatou que a mãe procura fazer com que ele refaça as questões da prova que ele não acertou a fim de que ele perceba onde ele errou.

| ALUNO 1  | ALUNO 2  | ALUNO 3   | ALUNO 4                                    | ALUNO 5       | ALUNO 6  | ALUNO 7                    |
|--|--|---|--|---------------|--|----------------------------|
| Tentam me ajudar com a tarefa ou pedem a um parente meu (minha irmã) para me ajudar. | Meus pais me ajudam com aulas de reforço particular. | Pede para eu refazer as questões que eu errei na prova. | Meus pais me ajudam com reforço particular | Sem resposta. | Tentam me ajudar com os deveres que eu trago para casa | Pedem para alguém me ajuda |

Por fim, a última pergunta feita aos alunos foi “Seus pais participam ativamente de seus estudos? Como?”. A primeira aluna, que relatou que os pais não a ajudava em suas dificuldades, também relatou que seus pais não participam de seus estudos. Já a segunda aluna disse que os pais participam indo na escola nas reuniões. O terceiro, quarto, quinto e sexto aluno relataram que seus pais não participam de suas vidas escolares. Já a sétima aluna relatou que seus pais participam sim, de sua vida escolar indo nas reuniões e sempre ajudando-a quando ela precisa.

A resposta da penúltima e última questão se choca, pois os alunos relatam (na maioria) na sexta pergunta que seus pais os ajudam em suas dificuldades, porém na sétima pergunta eles relatam que a maioria dos pais não participa da vida escolar dos mesmos, levando-nos a crer que os pais até tem “boa vontade” em ajudar seus filhos quando os mesmos o requisitam, porém não participam ativamente da vida escolar deles, possibilitando assim que os alunos tenham abertura para relatar francamente as situações vivenciadas por eles no ambiente escolar.

Sendo assim, por meio dos questionários aplicados com as mães e seus respectivos filhos, percebemos que as mães acreditam estar participando da vida escolar de seus filhos, porém alguns dos filhos não compreendem isto de forma clara. Sendo assim, acreditamos que a maioria dos alunos entrevistados sentem que podem contar com seus pais caso eles relatem suas dificuldades, porém acreditam que os pais não participam ativamente desta área de suas vidas, podendo assim, gerar uma falta de comunicação onde o aluno não se sentirá seguro para conversar com sua família a cerca de seus dilemas escolares.

| ALUNO<br>1     | ALUNO<br>2     | ALUNO<br>3   | ALUNO<br>4     | ALUNO<br>5     | ALUNO<br>6   | ALUNO<br>7                                   |
|----------------|----------------|--|----------------|----------------|--|--|
| Não participa. | Não participa. | Participa mandando eu refazer as questões da prova que eu errei. | Não participa. | Não participa. | Participa, pois quando tem coisas na escola minha mãe sempre participa e me ajuda. | Eles participam indo na escola nas reuniões. |

## **CAPÍTULO IV**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho se propôs a observar como a participação dos pais influencia no desempenho escolar dos alunos. O papel dos pais é de extrema importância para a formação da criança e adolescente, pois é através da sua vivência familiar que o aluno começa a se relacionar com seu mundo exterior.

Por meio da leitura dos teóricos, podemos compreender que a criança se forma durante as relações desenvolvidas entre as pessoas ao seu redor, e que a formação integral da mesma depende de aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motor. Por isso, a construção e manutenção diária da comunicação emocional entre pais e filhos ajuda o indivíduo não somente em seu âmbito escolar, mas também, em todas as relações que o mesmo vivenciará ao longo da vida.

Os questionários realizados tanto com os responsáveis dos alunos como pelos próprios alunos, tiveram o intuito de analisar como eles percebiam a relação entre ambos sob a ótica de cada um. Com os resultados obtidos, podemos perceber que os pais e responsáveis acreditam participar da vida escolar de seus filhos somente indo na escola durante as reuniões bimestrais, porém para poucos alunos pesquisados isto significa que os pais realmente participam de suas rotinas escolares. Observando este fato avaliado por meio dos resultados da pesquisa, acreditamos que seja de extrema importância a escola inserir cada vez mais os pais, não somente com reuniões a fim de apresentar rendimentos acadêmicos, mas oferecer atividades que possam estreitar os laços familiares. Sugerimos também, inserir os pais em situações programadas pela escola, a fim de que possam interagir com seus filhos.

Poucos pais têm em suas memórias as presenças dos pais na escola, por isso cabe à escola ensinar os atuais pais e mães como melhor lidar com seus filhos, pois resultados escolares podem ser recuperados, porém relacionamentos quando fragilizados podem se tornar irrecuperáveis.

Enfim, trabalhar com a temática pais e filhos ligada a afetividade e

desempenho escolar é bastante amplo e as questões ainda não estão esgotados. Por isso é importante frisar que para termos cidadãos conscientes de quem são, de seus direitos e deveres, é necessário que a família e a escola se unam para desempenhar cada um o seu papel e ambas contribuírem para o desenvolvimento pleno de nossas crianças e adolescentes. Terceirizar para a escola as responsabilidades que a família deve assumir, somente ocasiona uma quebra de laços, pois toda criança sente a necessidade de se relacionar e descobrir o mundo por meio da ajuda de seus pais.

## **PARTE 3 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Minha trajetória na Universidade de Brasília aliada a minha inserção no mercado de trabalho desde o início do curso me ajudaram muito a decidir como será o meu futuro pós-universidade. Aprendi através da minha prática em que área sou boa e conseqüentemente se eu investir mais tempo posso me tornar ótima e em que área não pretendo trabalhar, por isso, indico para todas as pessoas que aproveitem o período na Universidade para vivenciar todas as áreas em que se pode atuar em seu curso a fim de que, ao finalizar o mesmo você já tenha uma noção de qual área seguir.

Meu foco pós-universidade será todo voltado para a minha empresa de Acompanhamento e Reforço Escolar. Sei que podemos executar um ótimo trabalho em parceria com as escolas dos alunos a fim de que nossos alunos possam se desenvolver de forma plena, ter o hábito de estudar diariamente, bem como possa alcançar a nota esperada. Mas entendo que meu papel vai além de proporcionar a este aluno uma ajuda extra nas matérias em que o mesmo está encontrando dificuldades, meu papel também deve ser o de aproximar ao máximo o pai/responsável do processo de ensino e aprendizagem do aluno, pois a família não deve terceirizar a educação para as escolas e cursos, mas sim, todos devem participar de forma ativa, proporcionando um ambiente agradável para o aluno se comunicar e apreender. Entendo que para ajudar cada vez mais meus alunos precisarei de algumas especializações e a primeira que pretendo fazer é a de gestão de pessoas, pois como coordenadora preciso saber trabalhar com meus professores para assim, eles se tornarem mais eficientes em seus trabalhos com os alunos. Outra especialização que pretendo fazer é a de psicopedagogia, pois será de grande valia em minha ajuda aos pais em como entender melhor cada fase que seus filhos passam e como se aproximar dos mesmos gerando um melhor ambiente para o aluno se desenvolver.

Trabalhar com a área da educação sempre foi minha paixão continuará sendo, trabalhar e estudar para ajudar nem que seja uma criança ou um adolescente me motiva muito, pois vejo que nesta área eu posso render bons frutos. Ao longo destes anos na Universidade pude aprender a vê onde eu mesma posso ser uma agente de mudança e me especializar nisto e não somente trabalhar ou me dedicar onde é mais cômodo. Por



isso por mais que tenha demorado para me formar por conta da minha opção em trabalhar desde o segundo semestre, eu não me arrependo, pois agora me sinto pronta a ser uma educadora em qualquer local que eu me predispor a estar.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **O que é Afetividade?** Reflexões para um conceito. 2008. Disponível em <[http://www.educacaoonline.pro.br/o\\_que\\_e\\_afetividade.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/o_que_e_afetividade.asp)>.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (org.). **Afetividade e aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Edições Loyola, São Paulo, 2007. 175 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes. 3 ed. 1995. 134 p.
- KOSHINO, Ila Leão Ayres; MARTINS, João Batista. **Questões do desenvolvimento infantil em Vigotski e seus desdobramentos para a educação.** I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. SIRSSE. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1960701/Questoes\\_do\\_desenvolvimento\\_infantil\\_em\\_Vigotski\\_e\\_seus\\_desdobramentos\\_para\\_educacao](http://www.academia.edu/1960701/Questoes_do_desenvolvimento_infantil_em_Vigotski_e_seus_desdobramentos_para_educacao)>. Acesso em 20 abr 2014.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Psicologia da educação, São Paulo , n. 20, jun. 2005 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 out. 2013.
- \_\_\_\_\_. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- PINO, Angel. **A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação.** *Psicol. USP* [online]. 2010, vol.21, n.4, pp. 741-756.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642010000400006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400006)>. Acesso em 06 dez. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008, 200 p. Disponível em: < <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

NUCCIA, G. **Teorias do desenvolvimento – Henri Wallon**. 2008. Disponível em: <<http://psicologandonanet.blogspot.com.br/2008/03/teorias-de-desenvolvimento-henri-wallon.html>>

DESSEN Maria Auxiliadora; POLONIA Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, 2007, pp. 21-32. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca. **Família e Aprendizagem Escolar**. 2007, 86 p. Disponível em <[http://tede.pucrs.br/tde\\_arquivos/24/TDE-2007-04-12T143957Z-499/Publico/389091.pdf](http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/24/TDE-2007-04-12T143957Z-499/Publico/389091.pdf)>

SOARES, Jiane Martins. **Família e Escola: Parceiras no Processo Educacional da Criança**. S/D, 22 p. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/imagens/artigos/educacaoetecnologia/ARTIGO-FAMILIA-ESCOLA-.pdf>>

DOURADO, Ione Collado Pacheco; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. S/d, pp. 23-31.

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **O Lugar da Afetividade e do Desejo na relação  
Ensinar- Aprender.** 1993, 8 p.

## APÊNDICE A



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Departamento de Teorias e Fundamentos

### TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, RG, \_\_\_\_\_ Órgão Expedidor \_\_\_\_\_ autorizo a estudante Rayane Evelyn Araújo Rocha, cuja a monografia esta desenvolvendo possui como tema “**A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR PARA O MELHOR DESEMPENHO ESCOLAR DO ALUNO**”, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas no questionário ao qual participo, por meio das respostas preenchidas, obedecendo aos critérios da ética na pesquisa, em que está assegurado total anonimato.

Declaro-me ciente e concordo com o acima exposto.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Assinatura do participante

---

Rayane Evelyn Araújo Rocha

Aluna de Graduação

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

## APÊNDICE B

### ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS 1

1. Sexo: (x) Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 41 anos
3. Ocupação Profissional: Pensionista do Governo do Distrito Federal.
4. Escolaridade: 2º grau completo.
5. Qual sua frequência de visitas na escola de seu filho
  - ( ) Semanal
  - ( ) Mensal
  - ( ) Bimestral
  - ( ) Semestral
  - ( ) Anual
  - (x) Quando solicitado
6. Qual o seu contato com a coordenadora da escola do seu filho?
  - ( ) Não a conheço
  - ( ) A vejo nas reuniões, mas nunca conversamos
  - (x) Conversamos sempre nas reuniões bimestrais
7. Como você ajuda seu filho quando ele esta com dificuldade em determinada matéria?
  - ( ) Estudo com ele e tento lhe ensinar a matéria
  - (x) Busco ajuda de alguém da família para ensiná-lo
  - ( ) Busco ajuda de um profissional especializado
  - ( ) Deixo que o mesmo estude sozinho
8. Quantas horas diárias você dedica a seu filho? 2 horas diárias.
9. Qual atividade que você e seu filho fazem que gera prazer em ambos? Nenhuma
10. Como você acredita que seu filho é reconhecido em sala de aula pelos professores?
  - ( ) Atento e participativo
  - (x) Conversa bastante, mas obtém boas notas
  - ( ) Desinteressado
  - ( ) Desinteressado e indisciplinado

## ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS 2

1. Sexo:  Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 38 anos
3. Ocupação Profissional: Cebelereira.
4. Escolaridade: Ensino Fundamental completo.
5. Qual sua frequência de visitas na escola de seu filho  
( ) Semanal  
( ) Mensal  
 Bimestral  
( ) Semestral  
( ) Anual  
( ) Quando solicitado
6. Qual o seu contato com a coordenadora da escola do seu filho?  
( ) Não a conheço  
( ) A vejo nas reuniões, mas nunca conversamos  
 Conversamos sempre nas reuniões bimestrais
7. Como você ajuda seu filho quando ele esta com dificuldade em determinada matéria?  
 Estudo com ele e tento lhe ensinar a matéria  
( ) Busco ajuda de alguém da família para ensiná-lo  
( ) Busco ajuda de um profissional especializado  
( ) Deixo que o mesmo estude sozinho
8. Quantas horas diárias você dedica a seu filho? 3 horas por dia
9. Qual atividade que você e seu filho fazem que gera prazer em ambos? Fazer maquetes.
10. Como você acredita que seu filho é reconhecido em sala de aula pelos professores?  
( ) Atento e participativo  
 Conversa bastante, mas obtém boas notas  
( ) Desinteressado  
( ) Desinteressado e indisciplinado

### ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS 3

1. Sexo:  Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 42 anos
3. Ocupação Profissional: Dona de casa.
4. Escolaridade: 2º grau completo.
5. Qual sua frequência de visitas na escola de seu filho  
( ) Semanal  
( ) Mensal  
( ) Bimestral  
( ) Semestral  
( ) Anual  
 Quando solicitado
6. Qual o seu contato com a coordenadora da escola do seu filho?  
( ) Não a conheço  
 A vejo nas reuniões, mas nunca conversamos  
( ) Conversamos sempre nas reuniões bimestrais
7. Como você ajuda seu filho quando ele esta com dificuldade em determinada matéria?  
 Estudo com ele e tento lhe ensinar a matéria  
( ) Busco ajuda de alguém da família para ensiná-lo  
( ) Busco ajuda de um profissional especializado  
( ) Deixo que o mesmo estude sozinho
8. Quantas horas diárias você dedica a seu filho? 24 horas por dia.
9. Qual atividade que você e seu filho fazem que gera prazer em ambos? Sair juntos.
10. Como você acredita que seu filho é reconhecido em sala de aula pelos professores?  
( ) Atento e participativo  
 Conversa bastante, mas obtém boas notas  
( ) Desinteressado  
( ) Desinteressado e indisciplinado



## ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS 4

1. Sexo:  Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 41 anos
3. Ocupação Profissional: Nenhuma.
4. Escolaridade: 2º grau completo.
5. Qual sua frequência de visitas na escola de seu filho  
( ) Semanal  
( ) Mensal  
 Bimestral  
( ) Semestral  
( ) Anual  
( ) Quando solicitado
6. Qual o seu contato com a coordenadora da escola do seu filho?  
( ) Não a conheço  
 A vejo nas reuniões, mas nunca conversamos  
( ) Conversamos sempre nas reuniões bimestrais
7. Como você ajuda seu filho quando ele esta com dificuldade em determinada matéria?  
 Estudo com ele e tento lhe ensinar a matéria  
( ) Busco ajuda de alguém da família para ensiná-lo  
( ) Busco ajuda de um profissional especializado  
( ) Deixo que o mesmo estude sozinho
8. Quantas horas diárias você dedica a seu filho? 19 horas por dia.
9. Qual atividade que você e seu filho fazem que gera prazer em ambos? Ir para o clube.
10. Como você acredita que seu filho é reconhecido em sala de aula pelos professores?  
( ) Atento e participativo  
 Conversa bastante, mas obtém boas notas  
( ) Desinteressado  
( ) Desinteressado e indisciplinado

## ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS 5

1. Sexo:  Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 47 anos
3. Ocupação Profissional: Professora.
4. Escolaridade: Ensino Superior Completo.
5. Qual sua frequência de visitas na escola de seu filho  
( ) Semanal  
( ) Mensal  
( ) Bimestral  
( ) Semestral  
( ) Anual  
 Quando solicitado
6. Qual o seu contato com a coordenadora da escola do seu filho?  
 Não a conheço  
( ) A vejo nas reuniões, mas nunca conversamos  
( ) Conversamos sempre nas reuniões bimestrais
7. Como você ajuda seu filho quando ele esta com dificuldade em determinada matéria?  
( ) Estudo com ele e tento lhe ensinar a matéria  
 Busco ajuda de alguém da família para ensiná-lo  
 Busco ajuda de um profissional especializado  
( ) Deixo que o mesmo estude sozinho
8. Quantas horas diárias você dedica a seu filho? 8 horas diárias.
9. Qual atividade que você e seu filho fazem que gera prazer em ambos? Praticar ciclismo juntos no parque do Jequitibá.
10. Como você acredita que seu filho é reconhecido em sala de aula pelos professores?  
( ) Atento e participativo  
 Conversa bastante, mas obtém boas notas  
( ) Desinteressado  
( ) Desinteressado e indisciplinado

## ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS 6

1. Sexo:  Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 35 anos
3. Ocupação Profissional: Encarregada de serviços gerais.
4. Escolaridade: 2º grau completo.
5. Qual sua frequência de visitas na escola de seu filho  
( ) Semanal  
( ) Mensal  
 Bimestral  
( ) Semestral  
( ) Anual  
( ) Quando solicitado
6. Qual o seu contato com a coordenadora da escola do seu filho?  
( ) Não a conheço  
 A vejo nas reuniões, mas nunca conversamos  
( ) Conversamos sempre nas reuniões bimestrais
7. Como você ajuda seu filho quando ele esta com dificuldade em determinada matéria?  
( ) Estudo com ele e tento lhe ensinar a matéria  
( ) Busco ajuda de alguém da família para ensiná-lo  
 Busco ajuda de um profissional especializado  
( ) Deixo que o mesmo estude sozinho
8. Quantas horas diárias você dedica a seu filho? 4 horas por dia.
9. Qual atividade que você e seu filho fazem que gera prazer em ambos? Visitar parentes.
10. Como você acredita que seu filho é reconhecido em sala de aula pelos professores?  
( ) Atento e participativo  
 Conversa bastante, mas obtém boas notas  
( ) Desinteressado  
( ) Desinteressado e indisciplinado

## ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS 7

1. Sexo:  Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 35 anos
3. Ocupação Profissional: Vendedora
4. Escolaridade: 2º grau completo.
5. Qual sua frequência de visitas na escola de seu filho
  - ( ) Semanal
  - ( ) Mensal
  - Bimestral
  - ( ) Semestral
  - ( ) Anual
  - ( ) Quando solicitado
11. Qual o seu contato com a coordenadora da escola do seu filho?
  - ( ) Não a conheço
  - A vejo nas reuniões, mas nunca conversamos
  - ( ) Conversamos sempre nas reuniões bimestrais
12. Como você ajuda seu filho quando ele esta com dificuldade em determinada matéria?
  - Estudo com ele e tento lhe ensinar a matéria
  - ( ) Busco ajuda de alguém da família para ensiná-lo
  - ( ) Busco ajuda de um profissional especializado
  - ( ) Deixo que o mesmo estude sozinho
13. Quantas horas diárias você dedica a seu filho? 12 horas por dia.
14. Qual atividade que você e seu filho fazem que gera prazer em ambos? Passear.
15. Como você acredita que seu filho é reconhecido em sala de aula pelos professores?
  - ( ) Atento e participativo
  - Conversa bastante, mas obtém boas notas
  - ( ) Desinteressado
  - ( ) Desinteressado e indisciplinado

## APÊNDICE C

### ENTREVISTA COM OS ALUNOS 1

1. Sexo:  Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 13 anos
3. Qual é a sua média escolar nas matérias de humanas? Acima de 7,0 pontos.
4. Qual é a sua média escolar nas matérias de extatas? Acima de 8,0 pontos.
5. Quais dificuldades você encontra para estudar? Quando o professor não explica a matéria direito.
6. Como seus pais te ajudam a sanar as dificuldades que você encontra para estudar? Tentam me ajudar com a tarefa ou pedem a um parente meu (minha irmã) para me ajudar.
7. Seus pais participam ativamente de seus estudos? Como? Ela não participa muito não.

### ENTREVISTA COM OS ALUNOS 2

1. Sexo: ( ) Feminino  Masculino
2. Idade: 13 anos
3. Qual é a sua média escolar nas matérias de humanas? Acima de 5,0 pontos.
4. Qual é a sua média escolar nas matérias de extatas? Acima de 6,5 pontos.
5. Quais dificuldades você encontra para estudar? Minha dificuldade é que as vezes eu não entendo nada da aula.
6. Como seus pais te ajudam a sanar as dificuldades que você encontra para estudar? Meus pais me ajudam com reforço particular.
7. Seus pais participam ativamente de seus estudos? Como? Meus pais não participam.

### ENTREVISTA COM OS ALUNOS 3

1. Sexo: ( ) Feminino (x) Masculino
2. Idade: 14 anos
3. Qual é a sua média escolar nas matérias de humanas? Acima de 8,5 pontos.
4. Qual é a sua média escolar nas matérias de extatas? Acima de 8,0 pontos.
5. Quais dificuldades você encontra para estudar? Em casa não tem nenhum lugar quieto para eu estudar e fazer minhas lições.
6. Como seus pais te ajudam a sanar as dificuldades que você encontra para estudar? Conversando comigo.
7. Seus pais participam ativamente de seus estudos? Como? Mandando eu refazer as questões da prova que eu errei.

### ENTREVISTA COM OS ALUNOS 4

1. Sexo: (x) Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 14 anos
3. Qual é a sua média escolar nas matérias de humanas? Acima de 8,0 pontos.
4. Qual é a sua média escolar nas matérias de extatas? Acima de 6,0 pontos.
5. Quais dificuldades você encontra para estudar? Não tenho nenhuma não.
6. Como seus pais te ajudam a sanar as dificuldades que você encontra para estudar? Meus pais me ajudam com reforço particular.
7. Seus pais participam ativamente de seus estudos? Como? Meus pais não participam.

## ENTREVISTA COM OS ALUNOS 5

1. Sexo: (x) Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 14 anos
3. Qual é a sua média escolar nas matérias de humanas? Acima de 5,0 pontos.
4. Qual é a sua média escolar nas matérias de extatas? Acima de 5,0 pontos.
5. Quais dificuldades você encontra para estudar? Não tenho muito o habito de ler, por isso não interpreto muito bem.
6. Como seus pais te ajudam a sanar as dificuldades que você encontra para estudar? Sem resposta.
7. Seus pais participam ativamente de seus estudos? Como? Meus pais não participam.

## ENTREVISTA COM OS ALUNOS 6

1. Sexo: (x) Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 14 anos
3. Qual é a sua média escolar nas matérias de humanas? Acima de 5,0 pontos.
4. Qual é a sua média escolar nas matérias de extatas? Acima de 5,0 pontos.
5. Quais dificuldades você encontra para estudar? Não sou boa em interpretar textos.
6. Como seus pais te ajudam a sanar as dificuldades que você encontra para estudar? Tentam me ajudar com os deveres que eu trago para casa.
7. Seus pais participam ativamente de seus estudos? Como? Sim, pois quando tem coisas na escola minha mãe sempre participa e me ajuda.

## ENTREVISTA COM OS ALUNOS 7

1. Sexo: (x) Feminino ( ) Masculino
2. Idade: 14 anos
3. Qual é a sua média escolar nas matérias de humanas? Acima de 7,0 pontos.
4. Qual é a sua média escolar nas matérias de exatas? Acima de 6,0 pontos.
5. Quais dificuldades você encontra para estudar? Quando o professor não explica direito.
6. Como seus pais te ajudam a sanar as dificuldades que você encontra para estudar? Pedem para alguém me ajudar.
7. Seus pais participam ativamente de seus estudos? Como? Eles participam indo na escola nas reuniões.